



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

“CONQUISTAS QUE FORAM CONCRETIZADAS, FORAM FRUTOS DE LUTAS”¹: AS MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO DAS MALVINAS EM CAMPINA GRANDE – PB.

Autor: Paula Sonály Nascimento Lima; Co-autor: Maria Aline Souza Guedes
Co-autor: Wenda Mayse Amorim Chaves.

Universidade Federal de Campina Grande, E-mail paula.sonaly@hotmail.com ;

Universidade Federal de Campina Grande, E-mail malinesguedes@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande, E-mail mayseamorim@hotmail.com;

Resumo: Este artigo tem por objetivo refletir sobre a importância da história do cotidiano e da história local no ensino de História, como meio de compreensão da construção da identidade e da memória social, utilizando a história da Ocupação do Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz na cidade de Campina Grande - PB, no ano de 1983, visando problematizar sobre a sua construção e como esta ocupação tem, ainda, um forte destaque e relação sentimental com os moradores. O artigo enfatiza sobre o processo histórico das habitações sociais na cidade e a luta de pessoas para conquistarem a sua casa própria. Para isso, dialogaremos com autores que possuem uma maior compreensão sobre memória, identidade e a importância do ensino da história local e, como este movimento pode contribuir para a prática docente e aprendizado do discente, problematizando com metodologias que contribuam um ensino-aprendizagem de História relacionada com a realidade social e o pertencimento com o lugar. Visto que é a partir do seu local que o (a) aluno (a) começa a construir a sua identidade; compreendendo que, devemos valorizar a memória dos sujeitos históricos que constroem as suas histórias diariamente.

Palavras-chave: Ensino de História, Oficinas, Prática Docente, Patrimônio, Campina Grande.

¹ Citação retirada da fala do entrevistado João Batista Miranda. Entrevista cedida à autora no dia 07 de Abril de 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

O bairro surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a *pé saindo de sua casa*. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma *caminhada*, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a sua residência. (CERTEAU, 1996, p.41)

O bairro, de acordo com Michael de Certeau, aparece como um lugar que manifesta uma relação social, a convivência com vizinhos e outros parceiros que estão ligados pelo fato da proximidade no cotidiano. Assim, o bairro constitui para o indivíduo um espaço, público, que ele se sente reconhecido, portanto, o bairro é o lugar em que se resume as somas das trajetórias inauguradas a partir de seu local de habitação efetuando um ato cultural, apropriando-se de práticas e costumes que se tornam habituais dentro daquele espaço. É o sentimento de pertença, é um sentimento capaz de satisfazer o reconhecimento dos moradores.

É neste contexto de bairro, que o Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz tem o seu sentimento de pertencimento pelos seus moradores. Um bairro, primeiramente originado como Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, se deu pela ocupação das casas por populares, tendo então, uma construção diferenciada dos outros bairros da cidade. O mesmo tem uma representação histórica de luta pela conquista das casas que se entrelaça com as relações de poder entre poder público e habitantes, relações de poder entre os moradores, as táticas cotidianas para burlar estas relações, além das experiências vivenciadas pelos moradores durante a ocupação e a organização do local. O Conjunto foi construído na década de 1980, estando inserido nas políticas públicas de habitação social e no processo de periferia planejada, ou seja, os locais dos populares seriam em conjuntos longes do centro da cidade.

Era um conjunto construído com três mil casas com o intuito de resolver os déficits habitacionais de populações de baixa renda, mas que não foi entregue pela Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP), por não terem concluído a segunda etapa da construção, a infraestrutura: saneamento básico, água e energia elétrica, ficando a obra parada



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

por dois anos. Havia cerca de quinze mil pessoas inscritas para serem escolhidas para ganhar a casa. Porém, na reportagem do Jornal Gazeta do Sertão, percebe-se que a “invasão” já tinha sido constatada pelo Deputado José Luiz Júnior, do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) que foi pessoalmente ver o “desespero” de centenas de famílias para conseguir uma residência. Ele foi um dos primeiros parlamentares a denunciar que, em pouco tempo, aquele núcleo habitacional seria “invadido”. (Gazeta do Sertão, 27 de março de 1983, p. 08). Visto assim, que já se tinha uma expectativa, mesmo que pequena, de que pudesse acontecer a ocupação devido a demora da entrega das casas.

No dia 23 de março de 1983, o conjunto foi ocupado por pessoas de baixa renda que, em sua maioria, eram pessoas já inscritas junto à CEHAP e o seu deslocamento está associado à má condição de moradia, e como eram informadas nos jornais, as pessoas que ocuparam não tinham a intenção de sair,

As casas não tem qualquer infraestrutura, pois ainda faltam as instalações de água e energia elétrica, além de redes de esgotos. Mesmo assim, os invasores, que na maioria é isenta para receber residência naquele núcleo habitacional, garantiram que em hipótese alguma deixarão as casas [...] Todas as 3mil casas, algumas com rachaduras pelas paredes, foram ocupadas pelas famílias que estão inscritas ou não na Cehap. (Jornal Gazeta do Sertão, 27 de março de 1983, p.8)

Ao chegarem ao local, as famílias procuravam melhoras as condições que viviam, cansadas do alugueis altos que pagavam, mesmo que a paisagem não fosse convidativa, pois o mato rodeava as casas, as ruas não tinham pavimentação, as redes de esgoto não estavam prontas. Enfim, os ocupantes tinham apenas a preocupação de ter uma casa própria, que o Governo prometera, e esta ocupação foi um movimento movido pela necessidade da população.

O conjunto toma destaque a partir da ocupação das casas da Companhia Estadual de Habitação Popular – CEHAP, por moradores no ano de 1983, e que vai gerar uma mobilização do governo para contra estes ocupantes, como cercamento do conjunto por policiais, proibição de entrada ou saída de pessoas no local e de alimentos; havendo também, mobilizações e reivindicações em ações coletivas dos moradores, tentando alcançar mudanças



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sociais por meio de embates políticos, desarticulando o planejamento urbano da cidade e do Conjunto.

Durante este impasse, os moradores encontram no Conjunto um sentimento de pertencimento, de identidade para com o seu espaço, e a transformação de algo dificultoso para que se tornasse a sua moradia. Visto então, que o presente trabalho tem como objetivo problematizar as memórias de homens e mulheres na construção de seu lugar por meio dos movimentos, de acordo com os cotidianos destes em meio aos conflitos, a conquista para o Bairro e o sentimento de uma identidade presente em muitos moradores até os dias atuais. Assim, demonstrando o quanto a importante deste movimento visto as relações entre os sujeitos no contexto social e político da cidade de Campina Grande, como o exercício da cidadania como forma de fortalecimento e diferenciação deste bairro na cidade.

METODOLOGIA

Lembrar o passado e escrever sobre ele não mais parecem atividades inocentes que outrora se julgavam que fossem. Nem as memórias nem as histórias parecem mais ser objetivas. Nos dois casos, os historiadores aprendem a levar em conta a seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção. Nos dois casos, passam a ver o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais. (BURKE, 2000, p.70)

O estudo da memória vem sendo complexificada ao longo dos anos, mas, podemos considerar que a história e a memória se revelaram cada vez mais articuladas e complexas. E considerando que, segundo o autor, as memórias são construções por grupos sociais, são estes que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais será lembrado. Assim, refletimos que os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos que são relevantes para o seu grupo. Podendo destacar então que há informações que não são ingênuas, mas que se fazem a partir de interesses de grupos, que lutam por algo, neste caso, que lutaram pela conquista das casas próprias.

Porém, a memória sempre seleciona os eventos de forma individual, pois depende de como cada um viveu. Dessa forma, cada um guardará na lembrança o mesmo fato de maneiras diferentes. As lembranças dos ocupantes com a relação à construção do bairro, que também,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de forma natural, transmitam para os seus familiares, amigos ou conhecidos. As memórias são sociais e permanecem coletivas, pois podem também ser trazidas à tona por outros que tiveram experiências, e estão ligadas ao mesmo evento.

De acordo com BURKE (2000), os historiadores se interessam ou precisam se interessar pela memória, considerando por dois pontos de vistas: como fonte história e como fenômeno histórico. Primeiramente, além de estudarem a memória como fonte para a história, os historiadores devem elaborar uma crítica da reminiscência, nos moldes da operação de análise dos documentos históricos². Por seguinte, partindo da premissa que a memória é seletiva, faz-se necessário identificar os princípios da seleção e como se transformam na passagem de tempo e espaço. “As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade.” (BURKE, 2000, p.73).

Visto assim, a história oral contribui para a construção da identidade cultural das localidades de um modo geral, como também enfatiza sua importância na cientificidade histórica. Para evidenciarmos ainda mais essa profunda relação de memória e história, destacaremos sobre as memórias e o cotidiano dos homens e mulheres que ocuparam o Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, analisando como a História Oral se sobrepõe, em alguns casos, à estrutura institucionalizada, como também a construção de uma identidade social.

Para QUEIROZ (2009), a História Oral seria um termo amplo, que recobre tipos variados de relatos obtidos através de fontes orais, a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentos, de fatos cuja documentação se quer completar, ou que se quer abordar por diversos ângulos. Ou seja, ela registra a experiência vivida ou o testemunho de um indivíduo ou de vários indivíduos de um mesmo grupo social.

Neste sentido, construir uma memória de moradores do bairro das Malvinas através das entrevistas realizadas, carregadas de subjetividades que dão “essência” para a construção da análise do cotidiano e da formação do espaço do bairro. Como é afirmado por Arlette Farge (2011),

² Esta prática vem sendo realizada, em parte, quando se reconhece a história oral como uma prática historiográfica.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Uma comunidade social se exprime também por gestos, ritos e práticas observáveis; são eles que declinam o sentido de aspirações ou dos descontentamentos. Os gestos e os usos sociais, tanto os espaços quanto os ajuntamentos, não são evidentemente operações intelectuais como os escritos e as palavras mas esboçam atitudes que se carregam de significação. (FARGE, 2011,p.88)

Os moradores construíram uma significação para o espaço do conjunto, seja por meio dos gestos, como por meio das práticas. Eles constituíram um conjunto de sentimentos que fizeram com que ocorresse uma ligação entre as memórias e a identidade.

Acho que hoje no mundo não existe mais um acontecimento como foi aqui nas Malvinas, devido a proporção né? Porque era muitas casas, 3 mil e 500 casas, e muita gente, e vinha gente também para apoiar [...] e tinha esse negócio da água, que era um sofrimento, mas que acabava sendo um divertimento. [...] **É, porque assim, hoje, como você tá vendo aqui, é um orgulho falar nessa história porque hoje, algumas conquistas que foram concretizadas, foram fruto de lutas, cheio de reivindicações.** (MIRANDA, JOÃO. Entrevista cedida em 07 de abril de 2015. **Grifo nosso**).

Esta memória demonstra um depoimento de um sujeito que participou da ocupação e que, como muitos participantes, tem um sentimento de orgulho de conquista e de pertencimento com o lugar, seja individualmente ou coletivamente. Como afirma CERTEAU (2009) “O espaço é um cruzamento de móveis... O espaço estaria em relação ao lugar da mesma forma que a palavra quando é pronunciada... Em suma, o espaço é um lugar praticado”, assim, o espaço se torna vivenciado, quando os indivíduos exercem dinâmicas de movimento o transformando, passando assim para o lugar praticado, adquirindo uma identidade.

A partir do momento que o conjunto habitacional foi ocupado, ele foi transformado, ele se tornou um lugar praticado, devido a uma vivência temporal do sujeito neste lugar, visto que “a convivência é o rito do bairro” já que a proximidade que o local cria gera um modo de ser. O morador João Miranda aponta para a difícil situação que os ocupantes do Conjunto Álvaro Gaudêncio atravessaram quando passaram a morar no local, tendo que lutar para que permanecessem no local, e todas as estratégias de resistência seriam relacionadas em virtude do sonho da casa própria, no desejo de pertencer a um lugar, a uma comunidade.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado. [...] Isto é, o lugar do poder e do querer próprios. [...] Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. [...] A tática não em por lugar sendo o do outro. [...] Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É a astúcia. (CERTEAU, 2009, p. 94-95)

O lugar das estratégias seria o Conjunto, agenciado pelo Poder Público, onde os sujeitos ordinários se movem, buscando táticas no campo do “inimigo”. Mesmo que os sujeitos, em seu cotidiano, estejam ao mesmo tempo se submetendo à determinadas estratégias, eles também estão articulando astúcias, incluindo maneiras de subverter os mecanismos que lhes são impostos. São táticas de sobrevivência.

Neste caso, muitos moradores encontraram meios de burlar as regras, às condições do Estado para que pudessem continuar no conjunto, como por exemplo, na imagem seguinte, a notícia do Jornal deixa evidente o cercamento do conjunto por policiais como forma de controlar a ocupação do conjunto:



Figura 1 - Policiamento reforçado no Conjunto. Gazeta do Sertão 29 de março de 1983, p.01

Na reportagem no jornal Gazeta do Sertão noticia que a Cehap inicia dentro do conjunto, o levantamento das famílias que invadiram o núcleo habitacional e que, de acordo com o secretário de Habitação, na época, Enivaldo Ribeiro, só ficaria quem estivesse inscrito. E, os policiais, guardando o conjunto, tinham “ordens expressas para não permitir a entrada de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

qualquer veículo, exceto militares. [...], não permitir a ordem de pessoas conduzindo móveis ou outros aparelhos domésticos.” (Gazeta do Sertão, 06 de abril de 1983), e mesmo que não houvesse qualquer incidente com os policiais, a presença deles já era algo para controlar os moradores e para evitar que continuassem no local.

O entrevistado João Batista Miranda, quando perguntado sobre a questão do policiamento no conjunto afirmou que,

Passou uns 4 a 5 meses mais ou menos, porque assim, depois que viram que não tinha jeito, eles mesmo ocupavam (risos), é “segura uma pra mim”, ai colocava as mães deles, num sei quem pra lá, porque todo mundo sem casas né? Ai abria, eles com fome, os policiais passava o dia todo aqui, ai o pessoal dava lanche... ai dizia, “não deixa eu entrar ou sair”, ai toma aqui, e passavam. Ai, chegava um café aqui, levava lanche... (MIRANDA, JOÃO. Entrevista cedida em 07 de abril de 2015.)

Percebe-se então que mesmo com a tentativa de intimidação por meio do poder público, havia as táticas dos moradores para continuarem no conjunto, burlando o poder do Estado, em meio às astúcias, subvertendo as imposições em que foram submetidos.

As memórias de homens e mulheres que ocuparam o Conjunto ainda é bastante forte no bairro e também no contexto da cidade de Campina Grande. São pais, são avós de moradores do bairro, que mesmo não tendo participado, estão em constante presença com as lembranças dos que viveram. O bairro tem na sua marca a sua ocupação, e o orgulho dos que estavam inseridos em dizer que mesmo que tenha sofrido sem água, sem energia e sem saneamento básico, eles conseguiram a sua casa própria. “Era muito difícil, mas hoje é uma vitória, só tenho que agradecer a Deus por tudo. A gente sofreu muito aqui no começo, mas a gente teve a vitória.” (GUIMARÃES, Rejane. 2015)³.

São nestes acontecimentos locais, principalmente com a memória que está inserida, de alguma forma, com o cotidiano dos moradores do bairro das Malvinas⁴ e, em destaque, de estudantes; que percebemos que o diálogo entre o ensino de História e o conhecimento científico redimensiona a importância social na área de construção de conhecimento do estudante, pois fundamenta a possibilidade de estudo que valoriza a sua história local. Ou seja, em relação ao ensino, relacionar a história e a memória é uma maneira de refletir sobre a ligação estabelecida entre o indivíduo, a comunidade e o mundo social.

³ Citação retirada da fala da entrevistada Rejane Guimarães. Entrevista cedida à autora no dia 07 de Abril de 2015.

⁴ Quando o conjunto se torna bairro, em 1987, ele ganha o nome de Malvinas, relacionado à Guerra das Malvinas.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A associação entre o cotidiano e a história de vida das pessoas possibilita uma contextualização da vivência individual a uma história coletiva. É importante destacar que os Parâmetros Curriculares Nacionais de História, demonstram alternativas que favorecem a compreensão dos alunos em relação ao estudo da memória na construção do conhecimento histórico. ³ Entre os conceitos presentes no PCN em relação ao ensino de História, destaca-se a importância da construção da identidade individual e social, conceito este fundamental, já que a identidade e a memória têm uma estreita relação.

Portanto, o ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais, além do mais, a ocupação do bairro, vista como um movimento social, nos traz a reflexão sobre como as lutas e reivindicações são necessárias para uma formação indenitária e um pertencimento com o seu local.



Imagem 2 – Foto retirada do jornal, do acervo pessoal de João Batista Miranda.

Na imagem podemos perceber que havia, além das táticas e burlas, reivindicações, não só por meio do comitê da Associação de Moradores⁵, mas também por populares. Um dos

⁵ Foi criada a Associação para que houvesse uma organização no Conjunto e em busca de benefícios para o mesmo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

exemplos foi esta passeata com baldes na cabeça até o centro da cidade pedindo ao prefeito melhores condições de moradia, principalmente, água.

Nesta perspectiva, o ensino-aprendizagem da História local configura-se como um espaço-tempo de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, referência para o processo de construção das identidades destes sujeitos e de sua comunidade, neste caso, pertencimento ao bairro, que a realidade atual está atravessada pela história da construção do mesmo.

A história local ganha significado e importância no ensino, exatamente pela possibilidade de introduzir a formação de um raciocínio de história que contemple não só o indivíduo, mas a coletividade, possibilitando a compreensão do entorno do aluno, identificando passado e presente nos vários espaços de convivência. Como também, a História Oral vem intervindo na estrutura ideológica, a partir do papel que exerce a memória na manutenção do costume, da tradição, bem como o papel que exerce a oralidade.

CONCLUSÕES

O problema de falta de moradia para pessoas de baixa renda, a dificuldade de habitações populares, como também a produção do espaço urbano da cidade, são questões de estruturação que perpassam o sistema capitalista excludente que gere na maior parte de nossas ações.

Em Campina Grande, como em vários centros urbanos, o crescimento de habitações não acompanhou o crescimento populacional, demonstrando também, o descaso do poder público para com os cidadãos de baixa renda. E, intencionalmente, criado a margem da cidade, o Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, passado dois anos sem concluir o saneamento básico. Portanto, a ocupação foi uma forma que os campinenses encontraram para se ter o sonho da moradia própria.

A permanência dos moradores no conjunto, mesmo com todos os mecanismos de repressão, foi uma resistência às regras do Estado, que, por meio de lutas, resistências e reivindicações, conquistaram a sua moradia. Essas mobilizações e reivindicações estavam



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

inseridas na ação coletiva da maioria dos moradores, que estavam tentando alcançar mudanças sociais.

Após cinco meses de conflito, o governo cedeu o direito das casas às famílias mediante pagamento das prestações das mesmas. No momento da regularização, foi constatado que a maioria dos ocupantes não teria condição de quitar as casas simplesmente pelo fato de serem moradores de rua ou não terem renda. (LEMOS; SANTOS, 2009, sp)

Em 1984 o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal iniciaram no Conjunto a implantação de sua infraestrutura, inicialmente com energia elétrica, e, posteriormente, com água encanada e construção de escolas estaduais. Em 1987, o Conjunto passou a bairro em 1987, recebendo o nome de Malvinas, associado à guerra das Malvinas nas Ilhas Falklands.

Com o passar do tempo o bairro foi sendo modificado, produzindo novas paisagens, dando novas formas, e sendo reorganizado e resignificado por seus habitantes, construindo uma identidade, e, memórias que estão articuladas coletivamente, trazendo um sentimento de pertencimento e de conquista, como lugar de sua vida. É por este sentimento, que, destacando o bairro das Malvinas como um espaço de lutas e que aborda uma reflexão sobre movimentos sociais por moradias, cria uma forma poética, pela forma de atender as necessidades individuais e coletivas dos moradores malvinenses.

Portanto, a história do cotidiano e a história local, podem ser utilizadas como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferecem de visualizar as transformações urbanas e sociais realizadas por homens comuns, mas que modifica a história. Além do mais, é a partir do seu local que o (a) aluno (a) começa a construir a sua identidade; compreendendo que, devemos valorizar a memória dos sujeitos históricos que constroem as suas histórias diariamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL/MEC/SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BURKE, Peter. “História como memória social”.In: Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.

CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano 2: morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. A invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FARGE, Arlette. Lugares para a história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Gazeta do Sertão 29 de março de 1983

Gazeta do Sertão, 06 de abril de 1983

Gazeta do Sertão, 27 de março de 1983

GUIMARÃES, Rejane. Entrevista cedida em 07 de abril de 2015.

LEMOS, Elaine Melo de Brito Costa; SANTOS, Denise Guimarães dos. And CHAO, CHN, orgs. De portas abertas para o lazer: a cultura lúdica nas comunidades de Bairro. Campina Grande: EDUEPB, 2009. p184. ISBN 978-85-7879-026-4.

MIRANDA, JOÃO. Entrevista cedida em 07 de abril de 2015.

MORALES, Elisa Vermelho: História do cotidiano e ensino de História. (s/d) In: www.uel.br. Acessado em: 31 Agosto 2015.

MOURA, S. A.; MEDEIROS, L. S. Discurso, poder e memória: estudo de caso sobre nomeação de bairros e ruas em Natividade/RJ. Agenda Social, v.4, n.3, set./dez. 2010, p.54-69, ISSN: 1981-9862.

NEVES, Joana. História Local e Construção da Identidade Social. Saeculum – Revista de História. João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997

POLLAK, M. Memória e Identidade Social: estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.200-212.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

QUEIROZ, M. I. P. História Oral: memória, tempo, identidade. São Paulo, 2009

RONIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 2004, 3ed.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). Usos e abusos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.